

POR QUE LER OS CONTEMPORÂNEOS

Antonio Rodrigues BELON (UFMS)

RESUMO: O texto pretende perguntar “por que ler os contemporâneos” em substituição a “Por que ler os clássicos”, como perguntou Italo Calvino.

PALAVRAS-CHAVE: clássico; contemporâneo; dialogismo; paráfrase; paródia; reescritura.

O objetivo deste texto é parodiar um outro, de Ítalo Calvino, intitulado “*Por que ler os clássicos*” (1993, p. 9-16).

Ou proceder a inversão que leva ao discurso uma ambivalência, com origem no plurilingüismo ou estratificação. Ou seja, realizar a emergência das enunciações plurais, na estilização ou permanência do estilo e modificação do tom. Ou dito de outro modo: parafrasear ou escrever e/ou ler a mesma coisa com palavras diferentes. Reproduzir um discurso. Citar ou pensar um discurso que deveria ser lido entre aspas sempre. (Machado, 1995, p.109) Apropriar. Um exercício de dialogismo como o pensado pelo autor russo de mãos dadas com o italiano desde o início.

Cada enunciação concreta do sujeito do discurso constitui o ponto de aplicação seja das forças centrípetas, como das centrífugas. Os processos de centralização e descentralização, de unificação e de desunificação cruzam-se nesta enunciação, e ela basta não apenas à língua, como sua encarnação discursiva individualizada, mas também ao plurilingüismo, tornando-se seu participante ativo. Esta participação ativa de cada enunciação define para o plurilingüismo vivo o seu aspecto lingüístico e o estilo da enunciação, não em menor grau do que sua pertença ao sistema normativo-centralizante da língua única. Cada enunciação que participa de uma “língua única” (das forças centrípetas e das tendências) pertence também, ao mesmo tempo, ao plurilingüismo social e histórico (às forças centrífugas e estratificadoras). (Bakhtin, 1993, p. 82)

A linguagem como ação constitutiva e transformadora é a concepção subjacente a estas reflexões. Pensa antes os processos que os produtos.

Começar por algumas propostas de definição é um bom começo.

1-Os contemporâneos são aqueles livros dos quais em geral ninguém pode dizer que está relendo. Sempre dizem deles que trazem a novidade. Aquelas pessoas que se consideram como leitores, não importa a idade, se na juventude de quem vive

continuamente a experiência dos primeiros encontros ou na idade madura e velhice de quem parece já ter visto e vivido tudo, nos contemporâneos descobrem o sentido do seu tempo.

A hipocrisia reiteradas vezes reafirmada é a de quem que se envergonha de nunca ter lido um livro na moda por muito bem vendido ou por prestígio junto aos representantes de certas tendências intelectuais. Torna-se difícil, mesmo por insistente lembrança, convencer os leitores da impossibilidade de tomar conhecimento dos lançamentos e de ler um número tão grande de obras como as que são editadas cotidianamente.

Quem leu tudo o que está nas livrarias e bibliotecas como novidade levante a mão? A variedade é muito grande, ainda que, para efeito de se considerar apenas a literatura propriamente, se pense em ficção, poesia e um ou outro texto dramático. Os romances são mais comentados e discutidos nas rodas mundanas ou não, do que lidos. Existem mais livros nas estantes do que diante dos olhos dos leitores. Parece que isto acontece no mundo inteiro. Começa a leitura dos contemporâneos na escola. A pergunta que fica é se na adolescência e na idade adulta, os leitores mudam os seus objetos de leitura ou continuam na mesma tendência. Respeitadas as especificidades locais, os problemas básicos e gerais são os mesmos nos diversos países do mundo. Os autores podem ser outros, mas o horizonte de relações entre os leitores e as obras permanece. Os leitores de obras contemporâneas, quando se encontram, logo começam a falar de episódios e personagens como se fossem amigos comuns. Um professor, cansado de ouvir perguntas sobre autores e obras da contemporaneidade, que jamais lera, decidiu ler tudo o pudesse em tal campo. Descobriu que era totalmente diverso do que pensava: uma fabulosa genealogia mitológica e cosmogônica, que descreveu num belíssimo ensaio.

Ler pela primeira vez, contemporaneamente, um grande livro na idade madura é um prazer extraordinário: diferente (mas não se pode dizer maior ou menor) se comparado a uma leitura da juventude. Na juventude que comunica ao ato de ler, como a qualquer outra experiência, um sabor e uma importância particulares, ao passo que na maturidade apreciam-se (deveriam ser apreciados) muitos detalhes, níveis e significados a mais, ler os contemporâneos é encontrar-se no seio de seu tempo próprio. Podemos tentar então esta outra fórmula de definição:

2. Dizem-se contemporâneos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os venha ler e amar; constituem uma riqueza não menor para quem vive a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los, na vivência do mesmo tempo.

Na realidade, o pronunciamento de Calvino sobre os clássicos transfere-se, sem tirar nem pôr, para os contemporâneos:

leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência da vida. Podem ser (talvez ao mesmo tempo) formativas no sentido de que dão uma forma às experiências futuras, fornecendo modelos, recipientes, termos de comparação, esquemas de classificação, escalas de valores, paradigmas de beleza: todas, coisas que continuam a valer mesmo que nos recordemos pouco ou nada do livro lido na juventude. Relendo o livro na idade madura, acontece reencontrar aquelas constantes que já fazem parte de nossos mecanismos interiores e cuja origem havíamos esquecido. Existe uma força particular da obra que consegue fazer-se esquecer enquanto tal, mas que deixa sua semente. (1993, p.10)

A releitura e, o cabedal de possibilidades que ela oferece, cabe perfeitamente na prática de confirmação dos contemporâneos de valor.

A definição que dela podemos dar então será:

3. Os contemporâneos são livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual, transitando da sua condição original para uma outra contemporaneidade, rumo à consolidação deles entre os clássicos de uma época.

Se é certo que deveria existir um tempo na vida adulta dedicado a visitar as leituras mais importantes da juventude. Se os livros permaneceram os mesmos (mas também eles mudam, à luz de uma perspectiva histórica diferente), nós com certeza mudamos, e o encontro é um acontecimento totalmente novo, a contemporaneidade renova-se permanentemente, sendo esta antítese, a certeza do seu frescor e de sua transformação em outra coisa..

Portanto, também no que diz respeito aos contemporâneos, a exemplo dos clássicos, usar o verbo ler ou o verbo reler, não tem muita importância. De fato, cabe dizer:

4. Toda leitura é uma leitura de descoberta como a primeira. Não importa se de um clássico ou se de um contemporâneo.

5. Se toda primeira leitura de um clássico é um releitura, a leitura de um contemporâneo exige a sua repetição, o seu valor requer o seu avizinhamo das práticas configuradoras dos clássicos.

6. Um contemporâneo é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer ou não assegura a sua contemporaneidade, já que ela é irmã de sua permanência, do valor de sua leitura sempre retomada.

Ou mais explicitadamente:

7. Os contemporâneos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo não as marcas das leituras que precederam a nossa, mas os sinais indelévels, não sujeitos ao apagamento, de um tempo que é o nosso, sem o qual não é possível, ou seja, não cabe o projeto do nosso ser, e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram de um jeito íntimo e de um modo em que a proximidade é integral (ou mais simplesmente na linguagem, ou nos costumes).

Isso vale tanto para os clássicos antigos quanto para os modernos. Da existência aceita de clássicos antigos e modernos, acrescenta-se facilmente os contemporâneos. Fica então a pergunta pela singularidade e a identidade deles. As relações essenciais de temporalidade sempre fundamentam os livros que permanecem, mas nos contemporâneos adquirem uma certa especificidade. O tempo do surgimento pesa mais neles, não tanto o da existência: basta pensar na continuidade delas (das obras, vale acentuar), o tempo é aquele da existência dos seus leitores. Para outros leitores a contemporaneidade transforma-se, com todas as implicações do processo, em outra coisa, clássicos talvez, certamente em não contemporâneos.

Se leio as obras contemporâneas sei que nelas ainda não estão postos os significados que um dia estarão implícitos no texto ou se serão incrustações, deformações ou dilatações. Vivo o puro momento inaugural. Mas sempre haverá uma possível legitimidade da leitura do ponto de vista daqueles que são os predecessores e os sucessores: o texto contemporâneo está ali no meio do torvelinho, no calor da história a queimar-se.

Turgueniev ou Dostoiévski, bem como os seus irmãos, reencarnam na contemporaneidade. A leitura de um contemporâneo oferece sempre alguma surpresa sobre o tempo em que vivemos com ele. Os textos de hoje e de sempre dialogam com os textos de sempre. Na situação dos contemporâneos, predomina a leitura direta dos textos originais. Aos que chegam depois a bibliografia crítica, os comentários, as interpretações.

A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão; mas fazem de tudo para que se acredite no contrário. (Calvino, 1993, p. 12)

Mas convém ao leitor ficar muito atento.

Existe uma inversão de valores muito difundida segundo a qual a introdução, o instrumental crítico, a bibliografia são usados como cortina de fumaça para esconder aquilo que o texto tem a dizer e que só pode dizer se o deixarmos falar sem intermediários que pretendam saber mais do que ele. (Calvino, 1993, p.12)

Uma possível forma de ver diz:

8. Um contemporâneo é uma obra que quer provocar uma nuvem de discursos críticos sobre si.

O contemporâneo não necessariamente nos ensina algo que não sabíamos; pronuncia-se sobre um tempo que é o nosso. Descobrimos nele algo que sempre soubéramos (ou acreditávamos saber) mas desconhecíamos o modo como a obra o diz (ou que de algum modo se liga a ele de maneira particular). E mesmo esta é uma surpresa que dá muita satisfação, como sempre dá a descoberta de uma origem, de uma relação, de uma pertinência.

Vem agora uma definição por derivação:

9. Os contemporâneos necessariamente se revelam novos, inesperados, inéditos, ou negam o que seriam. Não passam de meramente datados se não falam de modo inaugural. Naturalmente, isso ocorre quando um contemporâneo prova-se como tal, acende uma centelha: requer uma leitura por amor, não por dever ou por modismo, menos ainda, pelo mercado.

Os contemporâneos na escola entram pela porta da obrigação, do dever, mas penetram na área da escolha, do prazer, na porta de saída. A leitura desinteressada estabelece o vínculo irrevogável entre o leitor e a obra de seu tempo. Não importa o tipo

de atividades exercidas pelo leitor, o processo de escolha se repete. Há casos de identificação do leitor e da obra.

10- Um texto contemporâneo ambiciona se configurar como equivalente do universo. Do tempo e do espaço dos seus primeiros leitores e da herança que poderão deixar. Sempre o momento e o seu potencial de permanência. Tem atrás de si tudo aquilo que outros autores pensaram, sonharam e fizeram. Vive da inspiração originária de seus antecessores, com eles dialoga por oposição, por antítese, por contradição. Mas também por acordo, retomada

Aquilo que distingue o contemporâneo no discurso que estou fazendo talvez seja só um efeito de ressonância que vale tanto para uma obra antiga quanto para uma moderna mas já com um lugar próprio numa continuidade cultural. Poderíamos dizer:

12. Um contemporâneo é um livro que vem depois de outros, hoje clássicos; mas quem leu antes os outros e depois lê aquele, reconhece logo o seu lugar na genealogia.

A esta altura, não posso mais adiar o problema decisivo de como relacionar a leitura dos contemporâneos com todas as outras leituras que não sejam clássicas. Problema que se articula com perguntas como "Por que ler os contemporâneos? É contemporâneo aquilo que tende a relegar as atualidades à fúrias que nos façam entender mais a fundo -o nosso tempo?"

Esmagados que somos pela avalanche de papel impresso na contemporaneidade, na sociedade da imprensa, da indústria, o que fazer?

É claro que se pode formular a hipótese de uma pessoa feliz que dedique o "tempo-leitura" de seus dias exclusivamente a ler os contemporâneos.

Essa pessoa bem-aventurada, para manter sua dieta sem nenhuma contaminação, deveria abster-se de ler os jornais, ver televisão, ir aos cinemas, aos bailes, e outros lugares onde não se possa ler.

Seria preciso verificar quanto um rigor semelhante poderia ser justo e profícuo. O dia de hoje pode ser banal e mortificante, mas é sempre um ponto em que nos situamos para olhar para a frente ou para trás. (Calvino, 1993, p. 14)

Para poder ler os contemporâneos, temos de definir "de onde" eles estão sendo lidos, caso contrário tanto o livro quanto o leitor se perdem numa nuvem atemporal. Assim, o rendimento máximo da leitura dos contemporâneos advém para aquele que sabe alterná-la com a leitura de outros textos numa sábia dosagem.

E isso não presume necessariamente uma equilibrada calma interior: pode ser também o fruto de um nervosismo impaciente, de uma insatisfação trepidante. (Calvino, 1993, p. 15)

Talvez o ideal fosse captar a atualidade como o rumor do lado de fora da janela, que nos adverte dos engarrafamentos do trânsito e das mudanças do tempo, enquanto acompanhamos o discurso dos contemporâneos, que soa claro e articulado no interior da casa, num pronunciamento em tenso e intenso diálogo com os que vivem no tempo partilhado por livros e leitores. Mas já é suficiente que a maioria perceba a presença dos contemporâneos como um reboar próximo, dentro do espaço invadido pelas atualidades como pela televisão a todo volume. Acrescentemos então:

13-É contemporâneo aquilo que tende a colocar as atualidades à posição de barulho no centro da cena.

14-É contemporâneo a predominância do rumor da atualidade mesmo quando isto pareça incompatível.

Resta o fato de que ler os contemporâneos parece estar em contradição com nosso ritmo de vida, que não conhece os tempos longos, do ócio do humanismo anterior ao capitalismo; e também em contradição com o ecletismo da nossa cultura, que jamais saberia redigir um catálogo da contemporaneidade que nos interessa, sem ser pura e simplesmente uma lista de mercadorias.

Não há mais um Leopardi e as suas condições. Nelas se realizavam plenamente, dada a vida de Leopardi no solar paterno, o culto da antiguidade grega e latina. Ele dispunha de uma formidável biblioteca doada pelo pai, incluindo a literatura italiana completa, mais a francesa, com exclusão dos romances e em geral das novidades editoriais, relegadas no máximo a um papel secundário, para conforto da irmã, diferentemente do que ocorreria na contemporaneidade. As enormes curiosidades científicas e históricas eram satisfeitas com textos sobre os costumes dos pássaros, as múmias, a viagem de Colombo e coisas semelhantes.

Hoje, uma educação contemporânea é concebível e concebida de outro modo.

“ Os velhos títulos foram dizimados, mas os novos se multiplicaram, proliferando em todas as literaturas e culturas modernas”, pontua Calvino (1993, p. 16). Só nos resta inventar para cada um de nós uma biblioteca ideal, sem a possibilidade de dispensar os contemporâneos; e diria, ainda que por uma tautologia, que ela deveria constituir-se de duas metades. Uma metade de livros que já lemos e que contaram para nós, indescartável, ainda que numa época de rápida e prevista obsolescência de seus bens. E a outra de livros que pretendemos ler, não sejam descartáveis, presumivelmente possam vir a contar. A sessão das surpresas é também a das descobertas ocasionais, em reforço intersticial ao peso das duas metades apontadas.

Verifico que não citei um nome da literatura brasileira. Efeito da explosão da bibliografia contemporânea. Agora deveria reescrever todo o artigo, reescrever a reescritura, deixando bem claro que os contemporâneos servem para entender quem somos e aonde chegamos. E por isso os brasileiros são indispensáveis justamente para serem confrontados com os autores do mundo inteiro, da literatura universal.

Depois deveria reescrevê-lo, o artigo, ainda uma vez, ou mais; repetidas reescrituras, para que não se pense que os contemporâneos devem ser lidos porque "servem" para qualquer coisa. A única razão que se pode apresentar é que ler os contemporâneos é melhor do que não ler os contemporâneos.

E se alguém objetar que não vale a pena tanto esforço não citarei um autor para dizer o contrário, direi apenas: é melhor ler os contemporâneos do que não ler os contemporâneos antes de morrer.

Para concluir singelamente: o conceito de contemporâneo traz implícito a idéia de um tempo que é companheiro de quem o vive, o homem e o tempo convivem. Também, nos tempos que se multiplicam social e historicamente ocorre o trânsito do contemporâneo ao clássico e do clássico ao contemporâneo numa convivência em avenida de mão dupla.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: teoria do romance*. Tradução Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. 3. ed São Paulo: UNESP, 1993. 439 p.

CALVINO, I. Por que ler os clássicos. In: CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. Tradução Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 279 p.

MACHADO, I. A. *O romance e a voz: a prosaica dialógica de M. Bakhtin*. Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: FAPESP, 1995 (Série diversos) 349 p.